

Agronegócio

Setor lácteo aponta caminhos para outros segmentos

Depois de amargar prejuízos recorrentes e ser marcado pelo abandono da atividade por milhares de produtores, momento atual é de lucro e boas perspectivas

Thiago Copetti, especial para o JC

De um cenário nada positivo, há cerca de três anos, o setor lácteo se tornou, em 2025, um rentável negócio — alcançando margens de até 30% de lucro, de acordo com o presidente da CCGL, Caio Vianna, cooperativa que reúne outras cooperativas, com foco no apoio aos produtores e no beneficiamento de leite.

A virada de mesa veio justamente após o segmento identificar os principais pontos frágeis da produção e agir efetivamente sobre eles. O primeiro passo foi conseguir reunir ações no campo, na esfera política e no modelo de negócio para que as perdas comesçassem a ser revertidas em ganhos.

No campo, a prioridade foi colocar um “exército” de técnicos para apoiar desde mudanças básicas — como o manejo de animais, terras e pastagens — até a gestão da propriedade. Atualmente, entre profissionais da CCGL e de outras cooperativas, cerca de mil técnicos estão conectados com os produtores. Curiosamente, um dos pontos de abordagem dessa iniciativa foi frear a euforia em torno dos investimentos em tecnologia e se voltar novamente à terra e aos cuidados com os animais.

“Obviamente, tecnologia é importante, mas a compra de um equipamento, se mal dimensionado em custo, benefício e necessidade, pode quebrar as finanças de um produtor. Não adianta robotizar a ordenha para aumentar a produção.



Presidente da CCGL, Caio Vianna alerta que a compra de um equipamento, se mal dimensionada em custo e benefício, pode quebrar as finanças

A quantidade de leite que um animal vai produzir depende da alimentação, do manejo para o bem-estar e da seleção genética”, alerta Vianna.

A aposta demasiada na tecnologia e na compra de equipamentos modernos, observa o executivo, não é uma exclusividade do setor lácteo. O mesmo ocorre no setor de grãos. Vianna comenta que parte dos produtores que investiram pesado em super colheitadeiras, por exemplo, se endividaram sem o retorno esperado — seja por descuidar de outros

processos básicos de plantio quanto por comprar tecnologias que, efetivamente, são usadas muito aquém do potencial.

“Houve muito exagero com aquisições que não eram necessárias e nem utilizadas a pleno. Esses aportes descapitalizam o produtor para investir no melhoramento do solo, por exemplo”, analisa o presidente da CCGL.

Analisar as reais necessidades de cada propriedade foi o foco inicial do trabalho dos técnicos colocados

a campo para ajudar a aumentar as produtividades por meio de ações que nem sempre exigiam investimentos ou grandes aportes. O resultado de pequenos ajustes, manejo e operação, assegura Vianna, vêm em menos de seis meses ou em até mesmo poucas semanas. Os 550 produtores do CCGL Gerenciados ATCs têm hoje uma produção média de 24 litros diários por vaca. Esse grupo que aceitou o assessoramento — aberto a rever suas práticas de manejo e gestão — tem uma

produção 80% acima da média e de sua própria produtividade inicial, de 17 litros. Os 17 litros/dia/vaca ainda são a média dos outros 2,5 mil produtores que não fazem parte do grupo de assessorados.

“Eles não integram esse grupo porque não querem, pois temos condições de atender a todos. Há, porém, produtores mais fechados no sentido de receber orientações externas, opiniões e fazer mudanças na sua forma de trabalho”, explica Vianna.

Quem integra o cenário no Rio Grande do Sul entre as cooperativas produtoras de leite

No Rio Grande do Sul, existem diversas cooperativas de leite que desempenham um papel fundamental na produção e comercialização do produto. Dentre elas, destacam-se a Cooperativa Santa Clara, líder no mercado de leite UHT no Estado, a CCGL (Cooperativa Central Gaúcha Ltda), uma das maiores captadoras de leite do Brasil, e a Cooperativa Piá, reconhecida pela produção de lácteos de alta qualidade.

Outras cooperativas conhecidas no Estado incluem a Languiru e a Cotrirosa, conhecida por sua atuação no Noroeste gaúcho. Essas cooperativas, juntamente com outras entidades associadas ao Instituto Gaúcho do Leite (IGL), contribuem para o desenvolvimento do setor leiteiro no Rio Grande do Sul, promovendo a valorização do trabalho do produtor rural e a oferta de produtos de qualidade

para os consumidores.

As cooperativas de leite no Rio Grande do Sul desempenham um papel importante na economia local e regional, gerando empregos, renda e desenvolvimento para as comunidades onde atuam. Além disso, muitas dessas cooperativas estão investindo em tecnologia e inovação para aprimorar a produção e garantir a qualidade dos seus produtos.

A Cotrirosa realizou, no dia 12 de junho, a terceira edição do Seminário do Leite, no Restaurante Fenasoja, em Santa Rosa, reunindo cerca de 500 participantes, entre produtores, fornecedores, autoridades e profissionais do setor leiteiro.

O evento, que teve como tema Caminhos da Produtividade, reforçou o compromisso da cooperativa com o fortalecimento da pecuária leiteira na região

Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul. Para o presidente da cooperativa, Clenir Dalcin, o seminário reafirma o papel da cooperativa na promoção do desenvolvimento do setor. “Buscamos sempre fomentar conhecimento, inovação e fortalecer a pecuária leiteira. Com informação, tecnologia e o espírito cooperativista, seguimos construindo um futuro mais produtivo”, destacou Dalcin durante o evento.